

ESPORTE ORIENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Thaiane Cavalcanti Couto ¹
Rosa Cristina Monteiro ²
Claudia Antonia Vieira Rossetto ³

RESUMO

Este trabalho visou verificar se a prática do esporte Orientação pode ampliar a construção de território de cada indivíduo. Entende-se por Orientação um desporto no qual o praticante, com o auxílio de um mapa contendo os elementos principais do local da prática como relevo, hidrografia e objetos especiais, precisa passar por pontos de controle assinalados no mapa e representados no terreno desconhecido. Através da perspectiva interdisciplinar, acredita-se que as atividades utilizando a Orientação como recurso pedagógico possam despertar uma melhor compreensão social do espaço. Para fazer uma análise da evidência científica, propomos uma revisão da literatura, com base nos preceitos da revisão sistemática, identificando os trabalhos já publicados e analisando-os. A pesquisa permitiu, chegar à relação de trabalhos relevantes sobre o tema e a definição dos critérios de elegibilidade. Na pesquisa foi feita a análise da qualidade dos trabalhos recuperados e discussões dos resultados apresentados, de forma sistemática.

Palavras-chave: esporte, orientação, interdisciplinaridade, construção social do espaço, currículo escolar.

INTRODUÇÃO

Orientação é um desporto praticado com o auxílio de um mapa e uma bússola, no qual o executante passa por pontos de controle marcados no terreno no menor tempo possível.

A prática da Orientação traz uma grande contribuição para o indivíduo tanto na parte curricular no que diz respeito à interdisciplinaridade, envolvendo disciplinas como educação física (corrida, saúde, qualidade de vida, utilização de espaços públicos e privados para o desenvolvimento de práticas corporais), matemática (cálculo da escala, cálculo da distância a ser percorrida no terreno), geografia (relevo, coordenadas geográficas), quanto em questões relacionadas à autonomia (escolhas de rotas), inteligência espacial (localização), assim como da educação ambiental (necessidade de preservação do meio ambiente para prática do esporte, sustentabilidade).

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – RJ/ Bolsista da Secretaria Municipal de Educação, thaianecouto@yahoo.com.br;

² Professora Orientadora, Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - RJ, rosacristina.monteiro@gmail.com;

³ Professora Coorientadora, Doutora em Agronomia – RJ, cavrossetto@gmail.com;

Dornelles (2013) trata da Orientação como “importante ferramenta interdisciplinar e capaz de desenvolver qualidades bio-psico-sociais importantes no processo de desenvolvimento humano, muitas escolas valem-se desta modalidade para buscar melhor qualidade no ensino”.

A intenção desse trabalho é relacionar a prática desse esporte e se sua vivência pode ampliar a construção de território de cada indivíduo.

Nesse trabalho a percepção espacial será referenciada numa totalidade, abrangendo a visão de mundo com uma experiência conceitualizada, ou seja, a percepção espacial num âmbito em grande parte social associado a uma melhor compreensão do mundo.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a variação dos níveis de percepção na construção social do espaço através do esporte Orientação, pela ótica da revisão sistemática e responder a pergunta: os praticantes do esporte orientação apresentam melhor compreensão eco-psico-social do espaço?

METODOLOGIA

Para fazer uma análise da evidência científica, propomos uma revisão da literatura, com base nos preceitos da revisão sistemática, identificando os trabalhos já publicados e analisando-os. O presente estudo se baseou nas diretrizes do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA).

Segundo Sampaio e Mancini, a revisão sistemática da literatura é atividade fundamental para a prática baseada em evidência, pois condensa o conhecimento fracionado em um único estudo, permitindo ao pesquisador uma cobertura mais ampla do que poderia obter com a realização de vários estudos, identificando os de menor rigor acadêmico e os de maior confiabilidade.

O processo de busca bibliográfica foi realizado nos meses de fevereiro e março de 2021 nas bases de dados Google Scholar e Crossfer.

A partir da pergunta norteadora: “As práticas do esporte orientação favorecem a compreensão social do espaço pelos estudantes do ensino fundamental?” foram testadas e escolhidas as palavras chave. Os descritores e operadores booleanos utilizados para pesquisa foram: “esporte orientação” OR “corrida de orientação” OR “orientação esporte” OR “esporte de orientação” OR “prática corporal de aventura” AND “espaço” OR “território” OR “construção social do espaço” AND “escola” OR “escolas” OR

“ensino”.

Foram encontrados 814 resultados e realizadas as leituras dos títulos e dos resumos para elaboração dos critérios de inclusão e exclusão, conforme a tabela 1.

Termos de inclusão	Termos de exclusão
(I1) Publicação em português	(E1) Trabalho duplicado
(I2) Estudos realizados exclusivamente no âmbito escolar	(E2) Estudos que utilizam a expressão orientação sem remeter a modalidade esportiva
(I3) Trabalhos em forma de artigo científico	(E3) Não contempla o foco/ assunto abordado nesta revisão
(I4) Práticas realizadas no ensino fundamental	(E4) Estudos de revisão bibliográfica e documental, com outras práticas conjugadas

Tabela 1. Termos de inclusão e exclusão. Fonte: Elaboração da autora

Para aplicação desses critérios, primeiramente foi realizada a leitura dos títulos e posteriormente a leitura dos resumos. Após a seleção inicial, realizou-se uma nova análise de todas as publicações na íntegra e assim foram determinados os estudos a serem incluídos nessa pesquisa.

Outra etapa da revisão sistemática realizada foi a análise dos estudos selecionados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Após a criação da Confederação Brasileira de Orientação em 1999, foi desenvolvida pela sua diretoria, a Política Nacional para o Desenvolvimento do Esporte Orientação (PNDO), contendo três vertentes: competitiva, ambiental e pedagógica. A vertente pedagógica traçou como objetivo inserir nos currículos escolares, em todos os níveis, o desporto Orientação.

Segundo Blaia (2008) “a corrida de orientação pode ser utilizada como ferramenta motivadora não só na educação física, mas também, em outros campos do conhecimento devido ao seu potencial interdisciplinar”.

Wilson (2017) citando Anderson (2003) e Zentai (2011) coloca que a leitura de mapas é uma habilidade básica da vida e permite que os indivíduos pensem crítica e

analiticamente. Diversos países europeus, especialmente nos países nórdicos, tem a modalidade implementada no sistema escolar. Outros países ao redor do mundo também possuem a modalidade nas escolas, porém ainda não de forma sistematizada tão ampla.

Stefanello (2009) afirma que o estudo das representações espaciais, possibilita uma melhor compreensão de ordenamento espacial, fazendo com que o aluno conheça e domine o espaço geográfico.

Considerando a Orientação como uma modalidade que necessita da compreensão dos símbolos e cores utilizados no mapa buscando uma interpretação do terreno-mapa acredita-se que esta atividade possa despertar uma melhor compreensão social do espaço, enquanto uma proposta articulando diversas disciplinas.

O conceito de território perpassa por muitas definições e sua amplitude permite um diálogo interdisciplinar tais como: geografia (interação sociedade-natureza), psicologia (construção de subjetividade/ identidade), sociologia (intervenção nas relações sociais), antropologia (dimensão simbólica), economia (noção de espaço vinculado a força produtiva) e ciência política (relações de poder). O que se pode afirmar é que, desde a origem, a palavra território tem um forte vínculo ao espaço físico, à terra.

Rogério Haesbaert (2003) conceitua território a partir de três pontos básicos: 1) jurídico- política, quando o território é entendido como um espaço delimitado e controlado por um poder, especialmente estatal; 2) cultural onde o território é visto como produto de apropriação feito através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço; 3) econômica, quando o território é encarado como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação entre classe-trabalho.

“A fragmentação é uma das características mais fortes da cidade contemporânea, perpassa o urbanismo, as questões sociais e culturais. Em que pese às diferentes escalas administrativas, a cidade hoje é formada por um somatório de várias cidades, que no território podem ser compatíveis segundo questões em comum. Mas há também o oposto: a cidade que pertence a um determinado território administrativamente, mas sua comunidade não possui o sentimento de pertencimento da figura representativa em que está inserida. Essa fragmentação pode ser apresentada de forma variada, na questão física e morfológica da cidade, nas relações socioeconômicas e na identidade compartilhada pelas pessoas” (PINTO, p.14).

De que forma esta fragmentação restringe uma visão mais global a cerca do espaço? Certeau utiliza o termo “consumo” do espaço público. Acredita-se que com a vivência desta modalidade os alunos apresentem níveis mais conscientes desta designação.

Pretende-se entender de que forma estes indivíduos interagem com o ambiente que o cerca. Será possível verificar as formas de representação mental que este faz do espaço ambiental? Entende-se que a mente humana absorve e processa as informações advindas do ambiente físico.

Importante salientar que a cidade não é sinônimo apenas de arquitetura urbana mas um conjunto dinâmico de relações entre diferentes atores sociais, em que cada um ao seu modo negocia sua forma de fazer cidade.

Para Lefebvre (1992) “o espaço (social) é um produto (social)” (p.26), compreendendo as relações sociais e, portanto, utiliza o termo espaço da vida social. Além disso, considera que o modo de produção da sociedade é o que determina a produção do espaço. Numa perspectiva social, principalmente para os marxistas, as “relações de produção” são consideradas como fundamento para compreender a organização do território.

Godelier citado por Haesbaert enfatiza que no processo de territorialização alguns indivíduos vão se utilizar de referências espaciais da própria natureza na construção de suas identidades.

Sendo assim, pretende-se investigar se o aluno após a vivência da Orientação, sob a ótica da revisão sistemática, consegue trazer para sua realidade os esquemas utilizados no campo de jogo (local onde pratica o desporto), ou seja, se no dia-a-dia utiliza o espaço como forma de entender melhor o seu entorno.

Lefebvre (1992) propõe que a produção do espaço ocorre partir de três elementos, sendo eles: prática social quando o espaço é percebido pelos indivíduos, representações do espaço feita por engenheiros, cientistas, etc e espaço representacional que é aquele vivido pelos indivíduos. Já Haesbaert (2004) ressalta a importância de compreender o território para entendimento do que vem a ser territorialidade e modo de apropriação do espaço. Território tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra (com o medo que alguns tem de perder seu espaço, a dominação real desse espaço), ao mesmo tempo, podemos dizer que, para aqueles que tem o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

“Território, dessa forma, se relaciona a poder no sentido mais efetivo de dominação, como também às formas de poder simbólicas, de apropriação onde os sujeitos se apropriam de um dado espaço, constroem sua identidade com ele, produzindo-o e mantendo-o”, afirma Haesbaert.

Marques (2010) define “o território como um agregado de sistemas de ações e sistemas de objetos poderá significar que espaço e território, embora diferentes, são o mesmo. Será pacífico afirmar-se, então, que todo o território é um espaço (nem sempre geográfico, podendo assumir configurações sociais, políticas, culturais, cibernéticas, etc.). Por outro lado, é também evidente que nem sempre e nem todo o espaço é um território. Os territórios movimentam-se e fixam-se sobre o espaço geográfico. O espaço geográfico de uma nação é o seu território. E no interior deste espaço há geralmente uma multiplicidade de territórios. São as relações sociais que transformam o espaço em território e vice-versa, no entanto, o espaço é um a priori ao passo que o território se caracteriza por ser um a posteriori. Além disso, o espaço é perene e o território é intermitente. Da mesma forma que o espaço e o território são fundamentais para que as relações sociais possam efetivar-se, estas produzem, de modo contínuo, novos espaços e novos territórios de contornos contraditórios, interdependentes e conflituosos. Esses vínculos são indissociáveis”.

Deleuze e Guatarri tratam sobre dinâmica da criação e destruição de territórios: “Os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. Muito mais que uma coisa ou um objeto, o território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento (de territorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle”. Nessa perspectiva deleuze-guatarriana a dinâmica do capitalismo está diretamente associada a processos de desterritorialização, ou seja, de abandono do território.

Uma discussão a cerca da desterritorialização associada ao mito da revolução traz alguns autores que consideram que a modernidade faz essa dinâmica do abandono do território como princípio enquanto que alguns defendem que a sociedade moderna seria a mais territorializada. Há também estudos que apontam a associação da desterritorialização as crises nas representações sociais.

Para Haesbaerth (2004), no lugar da desterritorialização, na verdade o que temos hoje é um novo tipo de apropriação e dominação do espaço através de territórios-rede onde podemos ter acesso a uma multiplicidade de territórios, configurando outro(s). A

desterritorialização deve ser enfatizada em seu sentido social, ligada à crescente dinâmica de exclusão sócio-espacial a que denominamos “aglomerados humanos da exclusão”.

Harvey citado na obra de Haesbaerth traz a seguinte reflexão: “Se há uma crise de representação do espaço e do tempo, têm de ser criadas novas maneiras de pensar e de sentir (...)”

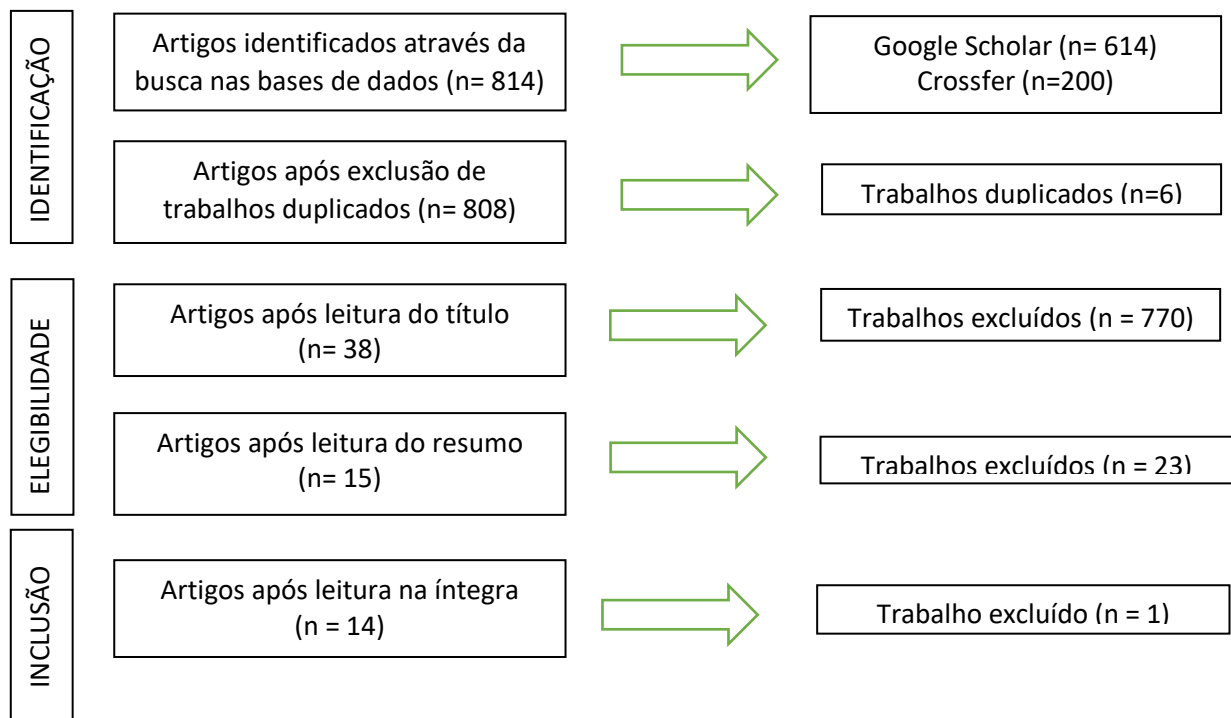
Cabe ressaltar que as referências bibliográficas com abordagem em Orientação estão numa crescente. Sendo assim, este trabalho tem a intenção de trazer contribuições para a área e principalmente, despertar uma maior subjetividade crítica através da percepção espacial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as buscas com os descritores, foram encontrados 814 estudos, e após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 14 artigos científicos, conforme são descritos na figura 1.

Notou-se que embora nos descritores tenha se utilizado a palavra orientação de diversas formas visando alcançar uma quantidade elevada dos trabalhos publicados, muitos trabalhos foram excluídos porque este termo foi utilizado remetendo a outros significados que não ao esporte. Essa quantidade elevada de termos na literatura para se referir a mesma prática (“esporte orientação”, “corrida de orientação”, “orientação esporte”, “esporte de orientação”, “prática corporal de aventura”) se deve a um erro na tradução (orienteering) quando a modalidade chega no Brasil.

FIGURA 1: FLUXOGRAMA DE SELEÇÃO DE ESTUDOS (PRISMA)



Fonte: Elaboração da autora

Dos estudos selecionados e listados na tabela 2, observa-se que os estudos referentes a esta temática são muito recentes e que a partir de 2019 há um aumento no número de publicações, no entanto ainda há pouco estudo na área. A primeira publicação data de 2008 e as outras publicações se encontram na década de 2010-2020.

Publicação	Título
2019	Corrida de Orientação: uma proposta metodológica transdisciplinar da Escola Classe Córrego do Meio
2019	Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação para a compreensão da realidade social
2019	Esporte orientação: o ato de se orientar no espaço escolar
2020	Prática de corrida de orientação como ferramenta no ensino da cartografia
2019	A cidade é sala de aula: ensinar/ aprender geografia a partir do lugar
2019	Reflexões metodológicas sobre Cartografia Escolar, Multimodalidade e Multiletramentos com foco de análise na Educação Básica
2019	Práticas Corporais de Aventura: possibilidades nos processos de ensino-aprendizagem
2019	A importância de atividades práticas sobre orientação e localização geográfica no ensino fundamental II
2018	A orientação espacial por meio de atividades físicas na escola de tempo integral em Iporá
2008	A Corrida de Orientação enquanto conteúdo da Educação Física escolar
2013/2014	Trilha de Orientação: aplicação de uma prática de ensino de cartografia para a compreensão dos conceitos da geografia física na fase escolar
2015	Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia, com ênfase na aprendizagem cartográfica no ensino fundamental II
2016	Atividades físicas e esportivas na natureza nas aulas de educação física: possibilidades interdisciplinares
2018	A percepção dos níveis de aprendizagem de cartografia dos alunos do ensino fundamental

Tabela 2. Ano de publicação e título dos artigos científicos. Fonte: Elaboração da autora

Analisando os artigos selecionados foi possível identificar que 57% (8 artigos) fizeram as práticas de orientação com seus alunos e em um deles a prática estava prevista visto que o estudo ainda estava em andamento. Essas práticas aconteceram na escola (3), na escola e no parque da região (2), na escola e no entorno (1), no parque (1) e na escola, no entorno e no parque (1).

Os estudos e as práticas aconteceram com turmas do ensino fundamental de anos variados, a saber: 1º ao 5º ano (3 artigos), somente 5º ano (1 artigo), 5º ao 9º ano (1 artigo), 6º ao 9º ano (1 artigo), 7º e 8º ano (1 artigo), 9º ano (2 artigos) e em 5 artigos não há especificação dos anos trabalhados, apenas citam que a pesquisa foi realizada no ensino fundamental.

Ainda na análise dos artigos, 43% (6) publicações utilizaram-se dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), diretrizes elaboradas pelo Governo Federal para orientação da educação no Brasil. Os PCN datam de 1997/1998 e foram utilizados nos artigos cuja publicação foram anteriores a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com exceção do artigo “Corrida de Orientação: uma proposta metodológica transdisciplinar da Escola Classe Córrego do Meio” que foi publicado em 2019. A BNCC, documento norteador de currículo, datado de 2018, conta com 21% (3) das publicações que utilizaram-se dela como referência.

Dos estudos selecionados, 50% (7) estavam relacionados à disciplina de geografia, 43% (6) faziam parte de uma proposta interdisciplinar e apenas 7% (1) se referia à educação física. A BNCC traz a orientação vinculada à prática corporal de aventura na unidade temática e como objeto de conhecimento nas práticas corporais de aventura na natureza no campo das linguagens, na disciplina de educação física e acredita-se que a pouca publicação e utilização dessa modalidade esportiva nas aulas de educação física esteja relacionada à formação desses profissionais, que até hoje, só tem esse conteúdo em disciplina na UFRJ.

Após análise de todos os estudos selecionados, afirma-se que apenas 4 dos 14 artigos respondem a pergunta: “As práticas do esporte orientação favorecem a compreensão social do espaço pelos estudantes do ensino fundamental?”, a saber: “Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação para a compreensão da realidade social”, “Esporte orientação: o ato de se orientar no espaço escolar”, “A cidade é sala de aula: ensinar/ aprender geografia a partir do lugar” e “Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia, com ênfase na aprendizagem cartográfica no ensino

fundamental II”. A seguir serão utilizadas citações dos referidos artigos que reforçam essas respostas.

Segundo Bezerra e Silva (2019): “as respostas dos alunos evidenciaram a compreensão sobre os aspectos referentes à distribuição desigual de riqueza, que geram e ampliam a violência urbana. Ou seja, a aprendizagem da alfabetização cartográfica, por meio do esporte de orientação, possibilita ao aluno a ampliação de sua visão de mundo e compreensão dos problemas sociais”.

Silva (2019) afirma que “a proposta de difundir o Esporte Orientação ajudaria sim nas questões práticas de alguns conteúdos do currículo oficial, mas fomentaria sobretudo o currículo oculto. Os estudantes podem ser incentivados a olhar com outros olhos os espaços existentes no interior da escola e em torno dela, pois muitas vezes a familiaridade excessiva com os lugares por onde nos movimentamos nos impede de ver a potencialidade de transformação que eles comportam. Assim, o Esporte Orientação proporcionaria uma reorientação, uma nova leitura do território. Nessa perspectiva, os mapas de orientação podem fornecer subsídios para produzir novos modos de conhecer e compreender o bairro, a cidade, o país, tornando-se um avanço para a transformação social.”

Arruda (2019) relata em seu estudo que “(...) esses resultados foram alcançados devido à postura investigativa do professor, que o levou a ler a realidade dos alunos, compreender suas origens e representações e propor situações-problema capazes de despertar o interesse dos alunos nos conteúdos geográficos. A partir desse preceito, os alunos aprofundaram seus entendimentos acerca da ciência geográfica e do seu papel enquanto cidadão do mundo”.

E Santos (2015) afirma que “alfabetizar um aluno na leitura desse tipo de forma de comunicação é também um trabalho social. É possibilitar a ela a compreensão de um instrumento de síntese do espaço, permitindo instrumentalizá-lo para a leitura de algo que visa representar um recorte espacial e que, muitas vezes, é mais forte em seus estereótipos, na segregação, na reafirmação das desigualdades sócio-espaciais do que meros textos com palavras”.

Por fim, utilizando de outra referência, Callai (2005) reforça que a alfabetização cartográfica pode ser trabalhada no ensino fundamental para que o aluno compreenda o espaço vivido e traga contribuição para leitura de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com base em revisão sistemática permitiu perceber o alcance, os limites e as necessidades de novos estudos sobre as relações entre o esporte orientação e o desenvolvimento psicossocial nas escolas.

Notou-se uma crescente publicação de trabalhos a partir de 2019 no entanto entende-se que ainda é necessário que outras pesquisas sejam realizadas, para ampliação da discussão e análise dos resultados desta temática.

Em função da pandemia esta pesquisa não pode ser realizada de forma prática com os alunos, visto que as escolas estavam fechadas, no entanto pretende-se dar continuidade a este trabalho com a vivência da orientação sob uma perspectiva interdisciplinar.

A partir dos estudos analisados pode-se afirmar que a utilização da orientação como conteúdo escolar, realizado de forma crítica e preferencialmente interdisciplinar, possibilita reflexão sobre o cotidiano e a realidade social, permitindo ampliação da construção de território. Dessa forma, convidamos os educadores a utilizarem a orientação como conteúdo na escola.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. A. **A cidade é sala de aula: ensinar/ aprender geografia a partir do lugar.** Disponível em: <<http://orcid.org/0000-0002-1660-0647>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

BLAIA, C. C. M. **Subsídio para implementação da corrida de orientação nas aulas de educação física.** Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2326-8.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BEZERRA, K. R.P.; SILVA, W. G. **Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação para a compreensão da realidade social.** Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/4302>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 1996.

DORNELLES, J. O. **Histórico do esporte Orientação nos currículos escolares no Brasil.** Disponível em: <www.cbo.org.br/informativos>. Acesso em: 01 fev. 2019.

GUATARRI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

HAESBAERT, R. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. Boletim Gaúcho de Geografia, 29: 11–24, jan., 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

_____. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

LEFEBVRE, H. **Production of Space**, Cambridge, Blackwell Publishers. 1992.

MARQUES, A. P. S. **Da Construção do Espaço à Construção do Território**. Fluxos & Riscos n.º 1 Pp. 75 – 88. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3293/1/Da%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20espa%C3%A7o%20%C3%A0%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20territ%C3%B3rio.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMANI, D. G., Grupo PRISMA: **Itens de relatório preferidos para revisões sistemáticas e meta-análises: a declaração PRISMA**. Disponível em: <<https://www.bmj.com/content/339/bmj.b2535>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PINTO, A. L. **Urbanização na fragmentação: a resposta do Bairro-escola**. 1ª edição. Rio de Janeiro: PTK Livros, 2008.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de revisão sistemática: um guia para sintética criteriosa da evidência científica**. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>>. Acesso em: 04 abr. 2021

SANTOS, A. **Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia, com ênfase na aprendizagem cartográfica no ensino fundamental II**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD4_SA6_ID1192_05052015211043.pdf>. Acesso em: 19 de mar. 2021.

SILVA, M. C. **Esporte orientação: o ato de se orientar no espaço escolar**. Disponível em <<https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/index>>. Acesso em: 19 de mar. 2021.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino da Geografia**. São Paulo, Editora Saraiva, 2009.

WILSON, J.A. **Orienteering, the map and child development**. (Organised outdoor play with maps). Department of Natural and Built Environment. Royal Geographical Society and The British Cartographic Society. January, 2017.